



gregários e traduzem as especificidades dos mesmos seres, integrando as suas realidades e atividades desenvolvidas no cotidiano.

Sendo assim o texto discute-se aqui como se dão algumas práticas educativas no âmbito dos gêneros textuais. Tem-se como objeto de análise, observações feitas em estágios do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC), curso que tem um público específico, ao qual os autores deste texto fazem parte, comunidades tradicionais e camponesas. A partir de tais considerações, as próximas seções trazem a metodologia utilizada em uma prática do citado estágio e, por fim, resultados do estudo com questões norteadoras de como deve ser o estudo do texto a partir do conceito de gêneros textuais/discursivos na realidade das escolas camponesas.

2. Reflexão teórica

Inicia-se a conversa teórica com os conceitos de Gêneros textuais e Letramentos, bem como seus usos em propostas pedagógicas. Os gêneros textuais abrangem aspectos que envolvem tanto o autor quanto o leitor e pode variar em termos de conteúdo, forma e estilo (BAKHTIN, 1996). Essas variações são adaptações feitas de acordo com os contextos, sendo um retrato das possibilidades interativas dos sujeitos. Nesse sentido, Bakhtin (1996, p. 280), informa que “[q]ualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” Em um ensino voltado para a língua em uso, os gêneros textuais devem ser usados em vários contextos educacionais, segundo interesses dos envolvidos no diálogo. Dessa forma, o Bakhtin aponta os gêneros como uma espécie de base ou estrutura da construção do texto, relativamente fixa, que certamente sofre alterações conforme as circunstâncias.

A fim de avançar um pouco na definição de gêneros textuais, Bakhtin apresenta uma divisão básica de tipos de gêneros, sendo que:

2





Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. (BAKHTIN, 1996, p. 3.)

E assim o autor contribui para uma ampliação de possibilidades de se discutir a temática, sendo possível agrupar gêneros de acordo, por exemplo, com suas semelhanças, ao se pensar na sala de aula. Essa ação pode auxiliar tanto os professores quanto os estudantes nos espaços educativos.

No que se refere ao letramento, é possível dizer que se trata de um conjunto de habilidades adquiridas e exercitadas socialmente por sujeitos, a partir do uso da língua escrita, sempre com algum objetivo como. Como exemplo, para a escrita de atas é preciso conhecimento de tecnologias como lápis, papel, escrita etc. Em associações rurais essa escrita é feita por um (a) secretário (a), com essas habilidades, a exemplo de outras práticas letradas em diversos espaços. Magda Soares (1998, p.80), aponta que “[o] conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas.” A autora, aqui, trata letramento como algo amplo e que se traduz na utilização social da leitura e escrita.

Um trabalho com gêneros considera então as formas de linguagem do indivíduo e os espaços comunitários aos quais pertence, somando assim de forma significativa na formação social e crítica dos sujeitos. Ao dominar a língua escrita, o sujeito seria capaz de se fazer um ganho para sua comunidade, pois se somará às suas lutas e demais formas de interação. Conforme Almeida, Carpaneda & Mares ressaltam:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos



necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (ALMEIDA, S.; CARPANEDA, I.; MARES, T., 2012, p.13)

O autor destaca também que cabe a escola, parte importante na construção dos sujeitos, buscar por pedagogias que mobilizem e desenvolvam o lado crítico e cidadão do estudante ativo e participativo, de modo que incentivem a serem sujeitos de direito de fato. Daí, a próxima seção traz uma proposta prática nesse sentido.

É importante lembrar também que é comum a confusão entre letramento e alfabetização, principalmente nos ambientes de educação que trabalham esses temas com distinção. Vários estudiosos já se dedicaram a discutir essas distinções e, nesse sentido, Lopes (2019. p. 03), aponta que, “... se assumirmos o letramento como objetivo na educação, precisamos trabalhar também a alfabetização com essa concepção social da escrita. E assim poderíamos proporcionar letramentos a partir da alfabetização.” Dessa forma, o letramento deve ser o objetivo nas escolas, pois contribuirá não só com a alfabetização, mas com toda sua formação crítica.

O gênero textual, para muito além da estrutura, apresenta-se em variadas formas, em diversos suportes, do oral ao papel, do radinho analógico às mídias sociais, modificando-se de acordo com sua intencionalidade, seu conteúdo, formas, bases, mas sempre propagando o discurso das pessoas envolvidas em sua produção.

3. Da reflexão à proposta prática

O campo tem uma realidade considerada diferente, na qual moradores trabalham e vivem com o que produzem e a sobra, em alguns casos, é comercializada. O costume da produção para subsistência é compartilhado entre as famílias, com culturas repassadas de pai para filho, garantindo assim a sucessão rural e a valorização do território no qual estão inseridos. Com culturas tradicionais e intensamente demarcadas, que devem ser valorizadas,



advêm também da necessidade. Uma maneira que se pode trabalhar o fortalecimento de território em salas de aula é contextualizar os textos de leitura e escrita, pois assim aproxima-se o aluno de uma prática social com a escrita e a leitura, premissa do letramento, e valorizam-se os povos do campo e suas culturas e, conseqüentemente, o meio-ambiente.

Um gênero textual para ser trabalhado na prática pode ser o gênero notícia, que ajuda no processo de leitura, interpretação textual e criação, no desenvolvimento e formulação de opiniões, como reafirma a autora Souza (2005, p. 78), para quem o trabalho com os gêneros jornalísticos, por apresentarem temas polêmicos e atuais, possibilita a discordância de opiniões e aprimora os conhecimentos sobre textos argumentativos. Sendo assim, a escola se movimenta como importante objeto de instrumentalização da ação e produção de blogs ou páginas na internet, pelo fato de as notícias locais chegarem mais rápido nesse tipo de gênero, quando não é seu único espaço, compartilhando os diversos assuntos que ocorrem naquele espaço.

Temos como exemplo a Semana da Educação, que acontece na Escola Estadual Senhorinha Muniz, localizada no distrito de São Joaquim, município de Coração de Jesus. No evento, desenvolvem atividades interdisciplinares, como peças teatrais, jogos lúdicos, feira de ciência; com temas voltados para o cotidiano como a valorização do artesanato e receitas caseiras desenvolvidas e apresentadas pelos pais dos alunos. Esse movimento está estabelecido no calendário institucional da educação e visa trabalhar de formas transversais temas importantes para a comunidade e o convívio social conforme visto nos estágios de observações destes autores.

4. Considerações finais

De fato, as práticas do educador do campo e a construção de saberes partem de leituras de mundo, a fim de contribuir com os espaços educativos e com suas realidades, proporcionando ao estudante uma visão mais ampla

5





relacionada a diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, as práticas sugeridas podem servir de inspiração para educadores, em atuação ou que estejam em formação.

Como a literatura dos letramentos indica, as práticas que apenas adotam aulas de português numa perspectiva estruturalista tendem a não promover uma educação transformadora. E algo também muito grave nessas práticas sem propostas de transformação é que, normalmente, desmotivam os estudantes com relação aos estudos ligados à língua portuguesa.

Neste sentido, o escritor Bagno (2006, p. 115) propõe ‘uma mudança de atitude’, que defende que o educador busque por novas práticas pedagógicas, com posturas de reflexão e que haja como pesquisador em tempo integral. Por isso, é importantíssimo incentivar os educadores para que busquem mais tentativas de desenvolver ou executar práticas educativas voltadas ao desenvolvimento crítico e social dos estudantes.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. Edições Loyola. São Paulo, 1999.

BAKHTIN - **Estética da criação verbal**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARPANEDA, I.; ALMEIDA, S., MARES, T.; Manual do professor: letramento e alfabetização & geografia e história. **In: saberes e fazeres do campo**. 2º ano. São Paulo: FTD, 2012.

LOPES, Isac dos Santos. **Processos de letramentos contribuindo para lutas de comunidades quilombolas**. In.: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. 2019. disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/16223>>. Acesso em 25/05/2020.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de; DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A. **Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial: gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005.